Recreações etimológicas

Luiz Antônio Lindo

RESUMO: Análise etimológica de vocábulos italianos, com uma introdução sobre a importância dos humanistas italianos e dos seus métodos de trabalho para a renovação dos estudos filológicos, particularmente da etimologia.
PALAVRAS-CHAVE: etimologia; humanistas italianos.

Como se sabe, os métodos humanísticos tinham na lexicografia um dos seus maiores desafios[1] Em matéria de dicionário, o que ainda não existia, ou só existia em estado embrionário, tendeu a tomar forma definitiva a partir de então, em língua grega e latina, ou românica, tal como os vocabulários em ordem alfabética e as enciclopédias que reuniam os conceitos em referência a coisas e fatos, ao invés de palavras. Pela sua própria natureza, o estudo do léxico, mesmo quando apresentado em ordem alfabética, constituía um caso à parte, pois, embora tomasse por referência as formas, a sua finalidade era elucidar o conteúdo conceptual investido no corpo da palavra[2] De maneira peculiar, o universo examinado incluía tudo o que tinha significação na sua relação com o pensamento clássico tal qual se dava a conhecer

1. Pode-se consultar sobre o assunto a excelente síntese de R. Sabbadini, *Il metodo degli umanisti*, Le Monnier, Florença, 1920.
2. A tarefa de considerar a diversidade das formas como elucidativa fica a cargo da sintaxe, que faz a apreciação da variação morfológica inerente aos fatos gramaticais.

nas obras dos autores canônicos ou tecnicamente representativos. E não por outro motivo era da suposta ou atestada impropriedade ou do desconhecimento demonstrado eventualmente pelo idioma vulgar no manejo dos conceitos que tinham carga renovadora, medida pela sua função significadora, que provinham as críticas a esta variedade lingüística e os conseqüentes louvores ao latim. O eventual menosprezo pelo vulgar tinha em geral caráter antes prático que estético, o que não impediu que crescesse o interesse pelo conhecimento do patrimônio cultural depositado no léxico legado pelos três grandes florentinos.

A lexicografia humanista foi tão produtiva que dava a entender que a profissão de ressuscitador de almas seria finalmente inventada desde que os gregos pela primeira vez introduziram a etimologia no estudo do verossímil. Nos passos de Aulo Gélio, Macróbio, Plínio, o Velho, Santo Agostinho, dos bibliotecários de Alexandria e dos gramáticos gregos e latinos, todos os doutos do período possuíam o seu caderno de notas no qual redigiam a sua lista de palavras merecedoras de explanação. A esse propósito, merecem ser citados Lourenço Valla[3], Decembrio, Poliziano, Barzizza, Tortello, Mancinelli, Fieschi (*Synonyma Verborum* e *Synonyma Sententiarum*), Trincadino (este compilou um vocabulário latino-italiano, verdadeira novidade). Os glossários também se voltaram para autores individuais, tal como fez Guarino com Virgílio, no *Epistolario,* e em trabalhos posteriores com Terêncio, Cícero, Lívio, Valério Máximo, Aulo Gélio. O campo de interesse estendeu-se logo para as personalidades e as coisas, destacando-se Domenico di Bandino, responsável por uma enciclopédia com todo o conhecimento de interesse dos estudiosos. Vale lembrar ainda o *Lexicon Graecum* (1440) de Guarino, também uma novidade.

À parte algumas inovações, como a exposição em ordem alfabética ou temática, em geral as escrivaninhas dos lexicógrafos humanistas davam a conhecer listas de palavras, à maneira do *Papias Vocabulista*[4], do gramático homônimo, ou do vocabu-

3. Valla parecia saber de cor o vocabulário ciceroniano.

4. Papia era um etimologista "derivador", ou seja, "encontrava" o termo justo tomando por base o modelo de organização da *res* à qual era atribuído um nome: *nomina sunt consequentia rerum.*

lário de Hugutio[5] (Uguccione da Pisa). No entanto, vistas mais de perto, as coisas não são tão simples como parecem, pois os estudiosos eram sumamente versados nas fontes clássicas de onde tiravam a sua seleção de termos, além de saberem para onde dirigir a sua atenção, a fim de satisfazerem o interesse da comunidade culta a que se dirigiam. Um pouco adiante em relação ao intervalo de tempo que caracterizou o humanismo italiano (*c.* 1321-*c.* 1527), Mário Equicola, nas *Institutioni* (1541), em língua vulgar, disserta sobre a cultura poética como quem sabe reconhecer os pontos necessários à explanação do quadro histórico que se acha ora mais, ora menos vivo na consciência dos seus leitores. Nas definições e usos que apresenta, são destacados tanto os atos como as figuras dos autores e personagens centrais da cultura literária clássica. O público da época tem assim um quadro pormenorizado dos elementos que compõem o mundo das obras consideradas relevantes. Para o entendedor do assunto, o principal de tudo é que os horizontes desse mundo cronologicamente passado podem ser colocados diante dos horizontes do mundo presente e avaliados por sua eficácia em se fazer determinante para a expansão dos limites culturais e artísticos. Apesar de parecer que a exposição se resolve como história literária e crítica doutrinária, na verdade são muitos os elos das *Institutioni* com o *Vocabulista* de Papias, por exemplo, em que o esquema lexicográfico transparece, deixando a nu o discorrer do método lingüístico. A explicação para isto é talvez que em toda investigação em que entra a definição e o juízo, tal como nas obras ostensivamente vistas como de história literária, em que os conceitos em jogo são em geral da espécie das coisas fictícias, tais como os nomes de personagens e de autores do passado tornados por vezes lendários, ou ainda, conceitos poéticos e retóricos de toda ordem, a ciência que dela se ocupa não é a das coisas naturais, como está claro, mas uma ciência que se ocupe das coisas fictícias. Ora, o que mais se aproxima disto é a ciência dos

5. Remontando ao século XII, as *Magnae Derivationes* de Hugutio conheceram uma grande difusão, tendo restado cerca de duzentos códices da obra, interessante tanto para a filologia mediolatina como para a românica e a italiana. Dante, Petrarca, Boccaccio, Salutati fizeram citações dela. As suas fontes foram Isidoro de Sevilha, Papia e Osbern de Gloucester.

significados, porque as coisas fictícias têm em comum com os meros significados, ou seja, com as palavras como unidades semânticas, o estatuto de coisas inteligidas nomeadas para fazerem as vezes de puros objetos do pensamento e, portanto, no seu desdobramento semântico, palavras, tais como estas se apresentam em vocabulários *tout court*. Sendo assim, o método que melhor cumpre esse objetivo é o etimológico. O plano de uma obra como a de Equicola, tanto quanto a de Papias, pressupõe o uso da etimologização dos dados semânticos contidos nas palavras que entram em posição chave na organização do texto, no sentido de que as definições ou conceitos nomeados expressam a relação entre si dos objetos a que se referem. Embora sob a forma dissertativa fique mais claro o enlace dos conceitos, tecidos na sintaxe que liga os picos e as depressões num único fluxo, não é menos verdadeiro que o mesmo está pressuposto na exposição em "lista". Neste caso, ao se dar ênfase ao "diagrama" do rol, fica mais difícil notar os subconjuntos etimológicos dissimulados sob o expediente mnemônico de ordenação destinado a facilitar a visualização. Mas seja na "lista" pura e simples, seja na exposição histórica e ou doutrinária, o que conta verdadeiramente é o processo de significação, que como dissemos corresponde a uma ciência de palavras. Ciência, porém, de significados, que não deve ser confundida com ciência do corpo de palavra, ou seja, da parte puramente exterior do signo, porque então seria uma ciência de terceiros objetos, ou de efeitos de efeitos, tendo em vista que o primeiro efeito, aquele de que se trata aqui, quando se fala em etimologia, é o significado ou conceito em relação à palavra interior. E também não pode ser confundida com ciência das coisas, já que muitos dos significados que constam dos livros de doutrina ou história, pelas razões já expostas, não passam de *rationes,* idéias de coisas, portanto formas do conhecimento lógico às quais não se aplica a asserção de verdadeiro ou falso. É preciso ficar claro, porém, que ao se falar em ciência dos significados não se está tomando o significado como uma categoria resolúvel nos limites do signo, separado da coisa por ele significada, já que o significar é uma operação intelectual que depende do uso do intelecto, com o qual entretanto não se confunde, embora requeira o seu emprego para se fazer efetivo. É que uma ciência de significados pressupõe o uso do intelecto na busca do conhecimento e, sendo o intelecto como tal distinto do co-

nhecer por conceitos, enquanto operação específica que dá origem ao conhecimento dos objetos mentais em geral, quando o outro existe somente no momento em que conhece o objeto-conceito, não é assim possível falar em conhecer por conceitos com a exclusão da coisa que continua presente na própria operação intelectual como o seu objeto. Um conhecer que excluísse os objetos para se concentrar exclusivamente nos significados que compõem junto com o corpo de palavra o signo, reduziria um estudo de história literária como o de Equicola a um arranjo lingüístico sem relação obrigatória com os fatos que se apresentam concretamente na história investigada no texto. Desse modo, percebe-se que o conhecer por conceitos, embora sendo uma espécie distinta de conhecer, está sujeito às determinações do conhecer em geral, o qual é uma operação do intelecto propriamente dito. Uma etimologia será portanto sempre intelectual, e tanto mais intelectualizada quanto mais eficaz for a sua ação, o que não exclui, pelo contrário, impõe a consideração de todos os objetos possíveis, concretos ou imaginários, alcançados, e até não alcançados na sua plenitude, pela operação de "signação", consistente na verbalização mediante a palavra ou por outros meios expressivos. Esse construir da etimologia geral que lhe dá a consistência de uma ciência do significado como um todo, se mostra em todos os seus ângulos na própria história da filologia, com o nascer e morrer de teorias aparentemente antagônicas entre si, as quais dão umas ênfase a um enfoque mentalista, enquanto outras procuram dar relevo aos estudos sobre os elementos concretos e seus nomes, enquanto outras ainda pretendem reunir ambas as facetas num único painel, como foi o caso da corrente denominada de "Wörter und Sachen"

Os chamados etimologistas (ou lexicógrafos, se se preferir) práticos fazem aparecer tanto os conceitos quanto a relação que os une, tomando-os como os momentos centrais do desenvolvimento cultural. É assim que Equicola discorre doutamente sobre as personagens que vivem nas obras de interesse poético: "*Et con tale ordine questi ufficij alle Muse attribuiscono, Clio, Terpsicore, Urania, Calliope. I theologi, che le fittioni, e i nomi poetici abborriscono, quel che gli antichi col nome delle Muse dissero, per Angeli chiamano. Calliope, Seraphini. Urania, Cherubini. Polymnia, Throni. Therpsicore, Dominationi. Clio, Virtu. Melpomene, Potestà. [...] Scrissero alcuni, Clio*

amar l'historie. Melpomene esser preposta alle Tragedie, alle Comedie Thalia, a cose pastorali Euterpe." O *Papias Vocabulista* (1496), por sua vez, é explícito em ordenar os conceitos: "*Ah ah vox dolentis, quae est interiectio: vel a est praepositio. [...] Vulpes significat diabolum hereticum peccatore callidum. [...] Zys acutus nomen.*"

Um aspecto que não passa despercebido aos cultores da etimologia, e que os intelectualmente mais exigentes podem ver como oportunidade para o espairecimento após uma árdua operação cerebrina, é o seu lado curioso, o encanto que há nela que tanto atrai os espíritos nobres como os toscos. Enquanto estes emprestam comumente um aparato de festa aos jogos de palavras, através dos quais bolem dentro de si a inteligência que na maioria das vezes conservam relativamente inane, os outros, mais atilados, reservam parte da energia que empregam nos seus argumentos e movimentos da alma na inquirição e manejo de vocábulos e locuções fecundas, ainda quando perseguem fins meramente recreativos. Brinca-se com as palavras como se brinca com a gente mesma. Os humanistas foram nisso também professores, ao juntarem a espontaneidade à sabedoria. Suas produções vão do sério ao divertido, mostram-se ainda úteis, sendo revisitadas em busca de lições, ou então foram condenadas ao esquecimento ou mantidas vivas apenas por despertarem curiosidade. Mas o espírito geral dos humanistas, sobretudo por aquela sua capacidade já mencionada de aliar a espontaneidade à sabedoria, continua sendo altamente prezado pelo etimologista, que sabe o quanto há de intuitivo e presuntivo na investigação da gênese da significação, ou seja, no processo criativo do significar e registrar a criação em palavras. É sabendo disso, e tomando-o como um atrativo especial, sem menosprezo da qualidade que não se está certo de poder alcançar, que tentamos a seguir desvendar alguns traços de três vocábulos italianos, selecionados por sua expressividade, manifestada por um outro motivo que o diletante desse idioma saberá avaliar.

Comecemos por *cominciare*. O ponto de partida para se conhecer uma palavra herdada é, muitas vezes, o latim vulgar e não o latim literário, o que é possível atestar pelos traços fonológicos dessa espécie de corpo de palavra. Por outro lado, palavras vulgares são, como as espécies vegetais na natureza, fenômenos regionais. Têm uma

cor, um sabor e uma textura peculiares, como as espécies de frutas que o homem veio a encontrar espalhadas com parcimônia fora do paraíso. E possuem uma voz que é canto ou grito, espírito ou natureza, expiração ou inspiração, semeada pelo vento que sopra no interior da alma humana. Atentos do seu tamborete profissional, os especialistas detectam automaticamente os indícios da palavra que correu o mundo e logo procuram atribuir-lhe a *res intellecta* que determinou a derivação. Para esses conhecedores, o termo evolvido parece mover-se enquanto é observado. Ele entra num contexto porque pode perder as suas determinações e então deixá-lo para fazer parte de outro. Para identificar o contexto, é preciso muito cuidado, e para tanto contribuem os dados sobre as *rei intellectae* determinantes para a sua formação. Nesse ponto fica claro que toda palavra nova, como é o caso da chamada palavra herdada, constitui uma criação original, apesar de ter sido concebida com o aproveitamento de material preexistente. Nenhuma disciplina, estética ou lingüística, pode explicar uma criação de maneira cabal, não bastando afirmar que se trata de uma evolução esperada ou possível a partir dos elementos oferecidos pela tradição linguageira ou por outras causas externas ou internas[6] Dizer que *cominciare* procede de **cominitiare*, da língua falada, é algo que não requer superar o plano do pensamento concreto, pois a partir do reconhecimento da forma anterior a inferência é tão espontânea que não agrega valor epistemológico. Não se vai aí além de uma constatação de senso comum. Por outro lado, no caso de uma palavra em que os seus traços externos não deixam ver com tanta nitidez os seus similares esclarecedores, a explicação caminha no sentido de uma interpretação mais profunda, e o que se requer muitas vezes é o uso dos instrumentos eruditos fornecidos pelo conjunto de ciências evocado para exercer a sua eficácia sobre o objeto lingüístico. Esse concurso de disciplinas mobilizadas para a explanação etimológica, o qual em última análise está em condições de aproveitar a alusão a um certo aspecto e a um certo

6. Sobre o processo de criação lexical pode-se consultar a minha tese de doutorado, "De aisthesis a estética: um estudo crítico de conceitos", onde é ressaltado o papel da metáfora, não só neste particular, mas também em toda a criação intelectual.

complexo conceptual manifestado pela palavra "anterior", da qual teria provindo a "posterior", pode ser utilizado em todo o plano interpretativo da investigação etimológica. É o que se dá com *cominciare*, bastando para tanto recuar na trajetória percorrida historicamente pela palavra até encontrar as suas formas pregressas menos explicitadoras do estado atual corporificado no vocábulo. De qualquer modo, é preciso saber distinguir entre a simples descrição do fato ou fatos que se situam no percurso elucidativo e a verdadeira explicação, que poderá tomar direções ora mais, ora menos eruditas, e até sistemáticas, conforme o método preconizado na investigação. O momento crucial, para o qual se requer uma compreensão total, é o que traz o problema do *verbum mentis*, com as suas implicações paralelas ao problema do significado semântico. Aqui convergem todos os passos da análise, desde o que se ocupa da instauração da forma nova, através do exercício do tirocínio filológico sobre o envoltório fonético, até o reconhecimento do princípio ou da "imagem" representados pelo conceito, conforme deixa ver a sua natureza, com base nos quais se revela a sua relação intrínseca com a palavra interior, da qual se faz significado e mediante a qual se justifica a sua criação e concomitante expressão num corpo de palavra. Esse processo de descoberta etimológica deve parar na explanação erudita, porém é possível, segundo algumas visões materialistas do signo lingüístico, fazê-la avançar até o ponto da sistematização, tal como se observa em geral nas lições da lingüística descritiva. Mas muito do que esta última supõe elucidar, graças ao seu método esquemático de investigação, encontra a sua expressão mais acabada justamente no termo médio, ou seja, no momento erudito, quando outros ambientes culturais são avaliados e aproximados entre si para se encontrarem no ambiente particular do objeto analisado. É essa conformação de muitos num só, realizada pela erudição, que traz os maiores benefícios para a etimologia, que por isso pode ser considerada uma forma pancultural de interpretação.

Cominciare consiste numa fusão de *cum* + *initiare*, tendo feito seu ingresso no florentino em algum ponto antes de a língua ser escrita. Em latim o substantivo **co-minitio* aparece em Terêncio (séc. II a. C.); de *in-e* : *in-itium*, desde Ênio (séc. III-II a. C.), *in-itio(r)*, desde Terêncio. (A. Walde, *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*,

Carl Winter, Heidelberg, 1938). *Cum* tem por formas antigas *com,* donde *con-, co-,* prevérbios freqüentes, comuns aos falares itálicos, como o osco e o umbro, e aos dialetos célticos (A. Ernout e A. Meillet, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine Histoire des Mots*, Éd. Klincksieck, Paris, 1979). Arraigou-se em todos os ramos dos falares românicos, com várias nuanças de sentido. Concretamente, indica a reunião, como nos exemplos latinos *eö/coeö*, loquor/colloquor; às vezes, muda o "aspecto" verbal, indicando o processo que chega ao seu fim: *faciö/conficiö* (*completar*), *cadö/concidö* (*Deitar por terra*); essa nuança de sentido tende a se enfraquecer e a transformar a forma preverbal numa forma simples, sem valor especial, por ex., *cönsuo* (*coser*) em face de suö. (Ernout/Meillet, *op. cit.*) Eis a definição de Festo (séc. II?, III?) para *initium*: "*Initium est principium, sed alias, quo quid incipiat, ut viae Appiae porta Capena: alias, ex quo quid constet, ut aqua, terra, aer.*" (*Initium* é princípio; também o ponto onde algo começa: como a porta Capena é onde começa a via Ápia; é ainda o elemento que constitui uma coisa, como a água, a terra e o ar.) Comparece no *Vocabolario della Crusca* de 1623 e de 1691, com exemplos tirados de Dante, Petrarca e Boccaccio.

**Comìnìtiäre*, it. *cominciare,* pt. *começar,* esp. *comenzar*, fr. *commencer*, prov. *comesar.* Vê-se que a forma italiana é a que mais preserva a original suposta, desta distinguindo-se por uma simples síncope vocálica. Entretanto, toma-se por ponto de irradiação o francês do Norte. A forma italiana chama a atenção pelo *c* saliente, com toda probabilidade uma transposição de um *ts* do Norte da Itália, com base em *initiare.* (Meyer-Lübke, *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, 6ª edição, Heidelberg, 1992) Karl Jaberg ("Der Sprach- und Sachatlas Italiens", *Revue de Linguistique Romane*, I, 1925, pp. 118 ss) toma o vocábulo como central para estudar a relação entre o francês e o italiano no contexto românico. Semanticamente, a investigação gira em torno do sentido de "começar". Entre os romanos, três palavras eram as mais comuns para expressar esse significado: *incipere, coepisse* e *inchoare. Coepisse* não veio a fazer parte do repertório românico; *inchoare* permaneceu viva na tradição escolar no latim tardio, tendo sido notada provavelmente no provençal antigo. Somente *incipere* permaneceu nos falares românicos, mas, mesmo assim, como vocábulo periférico,

encontrado apenas nas áreas mais conservadoras. É o caso do derivado *encetar* do português e do espanhol, embora com diferença de sentido e ainda, neste último, com a preferência pela forma *encentar*, anasalada. Somente "começar", como diz Jaberg, goza do estatuto de palavra portadora da solidariedade inter-românica, a palavra típica (*Worttypus*) de toda a Romênia central, difundida por todos os cantos. Sua origem é incerta, assim como a data do seu nascimento. Seguro é que veio de algum **cominitiare* ou **cuminitiare* do latim tardio[7] Como até o século V não se tem notícias dela, e *commencier* é atestada no Norte da França no século X, na Itália e na Península Ibérica comparece juntamente com a língua escrita, pode-se concluir que a sua origem figura entre esses limites cronológicos. Ao Norte francês, que desde os tempos carolíngios foi o celeiro do léxico românico, deve ser creditada a origem da palavra, tanto por essa razão, como porque se encontram o provençal *comensar* e o italiano *comenzare*, calcados provavelmente no francês *comencier*. Além disso, em paralelo com o que mostra **cominitiare*, o primeiro exemplo conhecido desse prefixo se encontra na *Vita* do bispo Sulpício de Bourges, do século VII, quando é usado *concoepit* em vez de *coepit*. (Jaberg, *op. cit.*). Nas regiões lingüísticas italianas, no Norte, Centro e Sul, **cominitiare* especializou-se no sentido de "começar", daí ter-se tornado popular, pelo uso intenso a que foi submetido. Entretanto, falta um substantivo na mesma condição, tomando o seu lugar os mais nobres *inizio* e *principio*. *Cominciare*, mostrando a mudança fonética *nti>nc*, é toscano, e assim se espalhou pelo Norte do Lácio até Roma e a Úmbria, com exceção das faixas orientais que incluem Assisi, Città di Castello e Nocera, onde vingou o *z*; o *c* ainda chegou ao Norte da Itália, sobretudo a Milão. Como nota Jaberg (*op. cit.*, p. 140), não se pode negar em tudo isso a influência exercida pela língua toscana escrita. Outras formas de verbo e nome se apresentam nos dialetos italianos, que aqui não cabe tratar, apenas servindo para notar que a diversidade lingüística italiana oferece as oportunidades mais notáveis de se conhecer a Romênia em toda a sua vitalidade cultural.

7. *Cominitiare* já aparece no Fragmento de Jonas; Monaci, na sua *Crestomatia* da Itália Antiga, mostra que o termo já se espalha por toda a Itália.

Bestia, do latim *bëstia*, é de etimologia incerta, assim como é incerta a sua relação com *biscia* (do latim tardio *bïstia*), por ser disputada a quantidade da vogal da primeira sílaba, apesar de os dicionários latinos apresentarem uma solução em favor da longa (*vide* A. Ernout e A. Meillet, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine Histoire des Mots*, *op. cit.* e A. Walde, *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*, *op. cit.*). Por isso, a sua pronúncia tem por que variar entre o *e* fechado (na Toscana) e o *e* aberto (no conjunto da Itália). A sua relação com *bescio* (e *besso*), por outro lado, indica um *e* breve (*Vide* F. D'Ovidio e W. Meyer-Lübke, *Grammatica Storica della Lingua e dei Dialetti Italiani*, p. 52, U. Hoepli, Milão, 1906). *Bestia* é um sinônimo popular para *belva*, termo vigoroso para a blasfêmia e a xingação, o que lhe vem garantindo vida ativa desde Roma. *Brutta bestia*, dado aqui e acolá ao interlocutor admirado, pronunciado com ou sem ênfase, é por si só bastante eloqüente na criação de uma intimidade plena de emotividade. Algumas formas correlatas itálicas são, além das já citadas, *biscio* e o veneziano *bisa*; as românicas são: fr. *bête*, prov., esp. *bestia*, o aportuguesado *besta*, o sobresselvano *biest* e o engadino *beša*. Toda uma série de formas derivadas com a sibilante chiante (fricativa pré-palatal) é encontrada, tipificada em várias línguas, tais como *bicho, bicha* no português. Os vários sentidos da palavra no italiano dão conta do animal em geral, selvagem ou doméstico, mas também do Demônio (no gaulês, sob uma grafia que mostra vestígios claros das origens indo-européias do vocábulo[8], existe *dusios*, com o sentido de *daemon immundus*), de pessoas e de outras coisas. No latim, com sentido similar ao moderno, *bëstia* é encontrado desde Ênio e Plauto também para designar a serpente e a lombriga, tal como ainda se vê no it. *biscia*, fr. *biche* (serpente, na heráldica, mas também a cerva, a corça) e port. *bicha*. Na Itália *biscia* se refere em geral a répteis pequenos: *bisa* em Veneza, Mântua, Reggio Emilia, *bifja* em Gênova, *befja* em Módena, *bifo* em Rovigo. É tanta a variedade de animais coberta pelo étimo que se chegou à conclusão de que no latim ele devia ter um sentido bastante neutro (G. Rohlfs, *Zeitschrift für*

8. Alusões a "espectro" e "respiração" estão presentes no provável significado referido ao indo-europeu. *In* A. Walde, *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*, *op. cit.*

Romanische Philologie, 41, 1921, "Franz. biche, ital. biscia, etc.", pp. 354-55.) Por isso, *bestia* acabou servindo tanto para designar a cobra, o cão, como o burro e o elefante, além de outros animais e coisas. O problema maior, porém, é de ordem fonética, pois não se consegue explicar a troca de *e* por *i*, ou seja, a metafonia que permitiu que a forma vulgar em *i* se espalhasse pelo domínio italiano e francês. A resposta a essa questão requereria voltar no tempo e ter o poder de empreender uma busca às origens bem sucedida. Se o filólogo crê que há uma ordem discernível na origem de tudo na língua, e até uma origem para a própria língua, então é porque ele a enxerga como um mecanismo operando com uma lógica sistêmica, donde deve tirar as suas conclusões. Mas se ele tem consciência de que a língua é criação constante, então, quando se lhe deparam os significados que chegam através dos sinais emitidos por ela, o problema das origens deixa de ocasionar o embaraço de uma pergunta mal colocada, que não leva a uma resposta proveitosa, para se transformar no problema da história original do pensamento.

Carogna se diz normalmente de alguém malvado, de alguém que não presta e que não tem conserto. Isso se explica porque o sentido concreto é de carniça, derivado de *caro*, "pedaço de carne" em latim, e de **caronia*, latim vulgar, agora já provavelmente com a variação de sentidos. Ao indivíduo "carogna" como se fosse carne e nada mais que carne, faltaria o sentimento que vivifica a alma. A definição do concreto faz entender como a sabedoria popular chegou aí: "caro: dicta est eo quod careat anima." (Aelius Donatus, Ter., 441) Do italiano o francês tomou *carogne*, mas o que sobreviveu nesta língua foi *charogne*, com os sentidos do italiano; o espanhol tem *carroña*, concreto, e *carroñar*; o valenciano tem *caronya*, "sarna", que no espanhol é *roña*. O *Diccionario da Lingua Portugueza* de Antônio Morais Silva (1813) se cala sobre o termo, enquanto o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Caldas Aulete (4ª edição, 1958) dá *caronha*, trasmontano, com o sentido de "caroço", e *carronha*, "pessoa feia", um provençalismo. Por outro lado, os idiomas meridionais da França apresentam uma variedade de formas: *carogno, carrogno, carrouogno, garogno, charogno, carougno, carrougno* e *carraugno*, seguidos de uma série de adjetivos similares com sentidos igualmente variados, tudo giran-

do mais ou menos em torno do que se conhece no italiano. O ponto de partida da palavra é discutível, embora a forma inicial no latim vulgar aponte para uma apropriação inicialmente italiana ou provençal. Meyer-Lübke (REW, 1707) parte de **carōnia*, e E. H. Tuttle (*Zeitschrift für Romanische Philologie*, 41, 1921, p. 687) parece ver a influência provençal como determinante para a adoção do vocábulo na Península Ibérica. O que fica claro é que o problema da origem de *carogna* não pode ser resolvido com a mera consulta a dicionários, porque se trata de uma palavra de fatura insondável, apesar de ter uma história, no sentido de ser uma criação a cada momento reelaborada na fala popular.

ABSTRACT: Analisi etimologica di vocaboli italiani, con una introduzione sull'importanza degli umanisti italiani e dei loro metodi di lavoro per il rinnovamento degli studi filologici, in particolare dell'etimologia.
PAROLE CHIAVE: etimologia; umanisti italiani.